

Marujos de primeira viagem: os Aprendizes-Marinheiros da Bahia (1910-1945)*

Wagner Luiz Bueno dos Santos

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Pesquisador no Departamento de História da Diretoria do Patrimônio Histórico da Marinha – DPHDM e pesquisador membro do Laboratório de Estudos sobre os Militares na Política – IH/UFRJ

Resenha de BARRETO NETO, Raul Coelho. Marujos de primeira viagem: os aprendizes-marinheiros da Bahia (1910-1945).

Há, de forma ainda incipiente, uma aproximação da historiografia brasileira a temas relacionados aos militares e seus espaços de atuação. Nesse sentido, os trabalhos recentes que abordam a temática se distanciam da produção historiográfica praticada, em maior escala, no interior das Forças Armadas e que privilegiava as ações dos grandes vultos heroicos, personalidades e líderes militares, conceituada na tradição historiográfica tradicional, de orientação rankeana.

Esse movimento, sobremaneira, acompanhou a produção historiográfica brasileira que diante às críticas provenientes do movimento francês *La nouvelle histoire* se distanciou daquela tradição. As abordagens sobre os militares, além de seguir os passos no caminho contrário ao paradigma rankeano, aproximou-se de outros campos do conhecimento buscando na sociologia, na filosofia, na antropologia, nos estudos da psicanálise e na crítica literária novas perspectivas de análises. É justamente neste caminho que pretendeu seguir *Marujos de Primeira Viagem: os aprendizes-marinheiros da Bahia (1910-1945)*, de Raul Coelho Barreto Neto, publicado no ano de

2012, mantendo o título original da tese de doutoramento defendida na Universidade do Estado da Bahia no ano de 2009.

A proposta de Barreto Neto é analisar a Escola de Aprendizes-Marinheiros da Bahia a partir da perspectiva de um projeto educacional e de formação profissional com envergadura nacional. O autor defende que o projeto abarcava um ideal de nação e de sociedade nos moldes do regime republicano, além do seu objetivo central que era recrutar, educar e instruir jovens para o serviço na Armada. Na defesa desta hipótese, o autor propõe uma rigorosa investigação do cotidiano da Escola, reconstruindo as experiências dos sujeitos na dinâmica das relações internas e externas, sobretudo com demais instituições soteropolitanas congêneres existentes no período analisado. A operação historiográfica de Barreto Neto é subsidiada por um corpo documental diversificado e composto por documentação que podemos sistematizar hierarquicamente em três grupos.

A produzida pela Administração Naval e pela própria Escola, que permitem verificar as diretrizes e implementações dirimidas pelo alto Comando Naval e pela

* Resenha recebida em 16 de maio de 2014 e aprovada para publicação em 30 de maio de 2014.



direção da Instituição acerca da Escola de Aprendizes-Marinheiros da Bahia.

Os documentos produzidos pelos tutores, pais e responsáveis que entregavam e confiavam seus filhos a Instituição, como cartas de recomendações, o que pode dar conta, por exemplo, de informações acerca da origem, extrato social e dinâmica de recrutamento dos indivíduos que ingressavam na Instituição. Além de escritos e entrevistas de ex-alunos, remontando o dia a dia nos corredores e salas de aula, que trazem a superfície suas experiências individuais.

Por fim, na tentativa de compreender as percepções que se produziam sobre a dinâmica social, o autor lança mão da literatura ficcional, na medida em que seu objeto de estudo e os sujeitos integravam o universo por ela representado. Ao reconstruir, analisar e compreender a dinâmica da Escola de Aprendizes-Marinheiros da Bahia, e o universo social em que se inseria, no período entre 1910 e 1945, o autor desenvolve um denso trabalho de diálogo entre as fontes, sendo a estrutura da narrativa produzida dividida em três seções.

Na primeira seção, o autor propõe uma discussão sobre os aspectos dos ideários educacionais republicanos, relacionando-os com a Escola de Aprendizes-Marinheiros da Bahia, tida como uma das opções educacionais disponíveis à juventude carente naquele Estado, no início do século XX. Cabe ressaltar que a infância e a responsabilidade penal foram temas muito debatidos naquele momento, resultando na criação do serviço de assistência e proteção à infância abandonada e delinquente, em 1921, sendo impulsionado por preocupações internacionais e por uma série de medidas que objetivaram dar conta dos problemas que envolviam a infância e a adolescência. Embora o modelo educacional republicano tenha sido pautado por este debate, e apesar desta discussão ser apresentada sucintamente na obra, o autor se apoia na historiografia para indicar que a Escola de Aprendizes-Marinheiros concentrou seus esforços no voluntariado de crianças e jovens, que além de oferecer instrução e educação, configurou-se como espaço coercitivo das mentes e dos corpos dos jovens alunos.

Na segunda seção, Barreto Neto busca compreender de que forma as Escolas de Aprendizes se enquadravam na estrutura administrativa da Marinha, e como eram pensadas as estratégias por seus Almirantes. O detalhamento do ensino elementar, profissional e complementar são abordados no sentido de compreender a estrutura educacional proposta pela instituição. Portanto, a questão que atravessa essa seção se concentra em estabelecer uma conexão entre a capacidade das Escolas de Aprendizes em relação às inúmeras expectativas que se construiu sobre ela.

Para o autor, a Instituição construiu um modelo de marujo ideal, no qual ser valente, amante da paz, solidário, amante do mar, das tradições, responsável pela integridade e defesa nacional eram algumas das qualidades que um jovem pretendo ao serviço da Armada precisava reunir. Investiu-se contra todo material que pudesse ameaçar essa construção. Nesse sentido, Barreto Neto demonstra que a literatura foi um dos setores culturais mais combatidos, destacando as fogueiras que destruíram vários livros, entre eles, *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, por ser ambientado em Salvador e ser acusado de promover, entre os alunos, comportamentos dissonantes a ordem e aos bons costumes.

A Marinha talvez estivesse atenta ao que Fredric Jameson chamou de *inconsciente político*¹ das obras literárias. *A priori*, a compreensão de Barreto Neto acerca do processo de formação do marinheiro, como uma dinâmica de valorização e desvalorização cultural, apoiando-se em Bourdieu², parece esvaziar a ação sofrida pela literatura, simplificando-a como um combate às concepções subversivas materiais do mundo dos marujos, desconsiderando os vários níveis de leitura possíveis do discurso político subjacente na literatura. Portanto, o conceito de Jameson poderia ter contribuído na operação historiográfica no sentido de compreender os motivos que levaram, mais ou menos, uma interferência ideológica no processo de formação dos marujos, pois o autor parece tratar a construção do marujo ideal como elemento ideológico do qual a Administração Naval revestiu a Escola de Aprendizes

para a reorientação do projeto de captação e treinamento de recursos humanos, construção que nitidamente postulava um ideal moral e profissional.

O autor destaca que o mais grave dos problemas era a falta de padronização pedagógica associada à carência de material humano, acarretando na falta de rigor no processo de formação do marinheiro. Bronislaw Baczko chamou atenção de que a coesão é fundamental para a existência de uma sociedade, sendo necessário que a superioridade do fato social coexista acima do individual, e que se “exprima o sentimento da existência da coletividade”³. Nesse sentido, a falta de coesão pode ter afetado a construção da imagem ideal de marujo, que apontada pelo autor, não foi compartilhada pelo corpo de alunos como pretendia a Administração Naval.

Na terceira e última seção, Barreto Neto propõe uma discussão acerca da hierarquia e da disciplina, tomando os conflitos entre alunos, seus superiores e os ocorridos fora do ambiente da Escola, como base para compreender em que medida o aparato coercitivo inferiu na formação dos alunos. O capítulo intitulado “Nem a marinha deu jeito!” denuncia a descrença na eficácia do sistema coercitivo da instituição, de modo que a operação historiográfica confirma a premissa.

Sob a orientação de Michel Foucault e Michel de Certeau, o autor propõe uma

análise das relações entre alunos e superiores na perspectiva do exercício do poder. Porém, durante a operação com o entendimento deste mesmo poder, o autor se deparou, na análise do seu objeto, com os limites da funcionalidade do que Foucault chamou de circularidade do poder. A solução encontrada por Barreto Neto foi elaborar uma ferramenta analítica associando as proposições do filósofo francês ao entendimento elaborado por Certeau sobre estratégias e táticas. Nesse ponto, o trabalho do autor oferece uma grande contribuição para a historiografia, elaborando sua pesquisa com análises embasadas em discussões teóricas e obedecendo rigorosa metodologia, diferenciando-se das antigas abordagens de matrizes positivistas.

O autor compreende que a Escola de Aprendizes-Marinheiros da Bahia estava imersa no processo educacional republicano, e apesar de ser uma instituição militar, flexibilizou-se diante das demandas sociais. As relações e a dinâmica foram investigadas considerando as experiências dos sujeitos que orientaram suas vidas a partir da instituição, convivendo sob uma rígida estrutura hierárquica e submetidos a um poder disciplinar rigoroso. Barreto Neto ainda deixou pistas por onde pesquisadores, atraídos pelo tema, possam desenvolver novas investigações e promover debates contribuindo para a renovação das pesquisas sobre militares e seus espaços de atuação.

¹ JAMESON, Frederic. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.

² BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

³ BACKZKO, Bronislaw. “A imaginação social”. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 306.